

Cultura Cri-ti-ca

revista cultural da apropuc-sp nº10 - 2º semestre de 2009

ISSN 1981-0911

A sepia-toned portrait of Euclides da Cunha, a man with a mustache and goatee, wearing a suit and tie, looking slightly to the right.

100 anos
Euclides da Cunha

Editorial

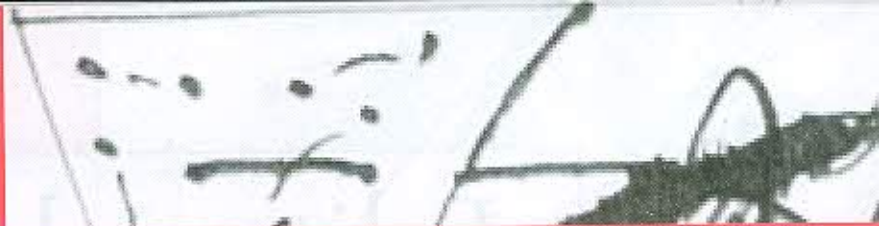
100 anos sem Euclides da Cunha

Em 2009 completamos 100 anos sem Euclides da Cunha – engenheiro, militar, sociólogo, jornalista, historiador, escritor. Como escritor, inscreve-se entre os mais importantes de nossa literatura, entretanto foram suas múltiplas facetas que se manifestaram no intuito de desbravar o país. Letra viva de nossa literatura, por seu intermédio Antônio Conselheiro permanece vivo. Sua *opus magna* inspirou autores como Mário Vargas Llosa, José J. Veiga, Moacir Lopes, entre outros, na literatura; ou Glauber Rocha, Walter Lima Jr., Sérgio Resende, entre outros, no cinema; ou José Celso Martinez, no teatro; ou Fernand Joutex, na ópera; ou ainda Israel Pedrosa, na pintura.

A revista *Cultura Crítica* não poderia deixar de participar da celebração do centenário da morte de Euclides da Cunha – personagem cuja utopia era a união solidária e melhores condições de vida para todos. Digo utopia porque ainda hoje assistimos ao descaso político em relação aos flagelados da seca, à reforma agrária, às populações em condições miseráveis nas periferias das grandes cidades. Um século se passou, mas o sonho euclidiano parece estar ainda mais distante.

Neste número de *Cultura Crítica*, além de artigos de pesquisadores contemporâneos da obra euclidiana, apresentamos também três artigos históricos e uma entrevista com o professor Erson Martins de Oliveira – com quem tive a honra de dividir a edição desta publicação comemorativa. Sua participação foi fundamental para a realização da *Cultura Crítica* nº 10.

João B. Teixeira da Silva



SUMÁRIO



Editorial

100 Anos sem Euclides da Cunha

JOÃO B. TEXEIRA DA SILVA

1



Diversidades e adversidades em *Os Sertões*: a luta da terra e do homem

JOÃO HILTON SAYEG-SIQUEIRA

13



Sertões de infinitas travessias: uma leitura do espaço sertanejo em Euclides e Rosa

CELINA LEAL DOS SANTOS

26



A construção de *Os Sertões*

RENE VALENCIA

38



Euclides da Cunha: naturalista

Artigo histórico

E. ROQUETTE-PINTO

54



Os Sertões venceu o tempo

Entrevista com

ERSON MARTINS DE OLIVEIRA

5



Os Sertões como tragédia: A propósito de uma revisão conceitual

JOÃO BATISTA PEREIRA

19



A história que entrou para a História

RACHEL APARECIDA BUENO DA SILVA

34



Artigo histórico

A impressão que a obra de Euclides da Cunha causa a um alemão

KARL SCHWARZENBACH

47



Artigo histórico

Euclides da Cunha: dom e arte do estilo

AFRANIO PEIXOTO

78

Cultura Cri-ti-ca

revista cultural da apropuc-sp n.º10 - 2º semestre de 2006

ISSN 1981-0911



100 anos
Euclides da Cunha

Cultura Cri-ti-ca

revista cultural da apropuc-sp

Conselho Editorial

Carlos Shimote
João Batista Teixeira da Silva
Maria Lúcia Silva Barroco
Victoria Claire Weischardt

Editoria Geral

Erson Martins de Oliveira
João Batista Teixeira da Silva

Editor Executivo

Ricardo Melani

Preparação e Revisão

Véra Regina Maselli

Capa

Criação a partir de foto de Flávio de Barros

Projeto Gráfico

Meios e Mídias

Editoração Eletrônica

Mauro Teles

Fotos

Flávio de Barros
(Abertura dos Artigos)

Ilustração da abertura e do sumário

"Retrato de Euclides da Cunha" de Cândido Portinari

Impressão

Rettec Artes Gráficas

Tiragem

2.000 exemplares

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DA PUC-SP

Presidente

Maria Beatriz Costa Abramides

Vice-presidente

Willis Santiago Guerra Filho

1ª Secretária

Priscilla Cornalbas

2ª Secretário

João Batista Teixeira da Silva

1ª Tesoureira

Victoria Claire Weischardt

2ª Tesoureira

Rachel Pereira Balsalobre

Suplente

Sandra Gagliardi Sanchez

Comissão de Cultura

José Arbex Jr.
Maria Lúcia Silva Barroco

Comissão de Educação

Carlos Shimote
Wagner Wuo

Comissão Jurídica

Leonardo Massud

APROPUC

Rua Bartira 407 – Perdizes
CEP 05009-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-2685
apropuc@uol.com.br



Os Sertões venceu o tempo

ERSON MARTINS DE OLIVEIRA



Entrevista do Professor Doutor em Literatura Erson Martins de Oliveira, aposentado pela PUC-SP, concedida à Revista *Cultura Crítica*.

CC – O que significa o livro *Os Sertões* para a historiografia? Por que há tanta discussão em torno da obra?

Em 1889, terminava o Império e nascia a República. O jovem Euclides da Cunha era um de seus entusiasmados partidários. A escravidão fora definitivamente extinta em 1888. Combinavam-se mudanças econômicas com políticas – o capitalismo saía do ventre do sistema colonial-escravista.

Em fins de agosto e meados de setembro de 1897, o general Arthur Oscar, com um exército de oito mil soldados, provocaria uma das maiores chacinas da história brasileira. Caía a cidadela de Canudos, ao norte da Bahia, no ermo sertão. Estimava-se que no Arraial havia entre vinte e trinta mil moradores. Os poucos homens so-



Desenho de Angelo Agostini: Antônio Conselheiro rechaça a República, in *Revista Ilustrada*, 1896.

breviventes foram degolados em nome da República. Aos prisioneiros, foi exigido que gritassem: “Viva a República”. Não acatando as ordens dos vencedores, suas cabeças foram separadas do corpo. As mulheres que resistiram à barbárie tiveram o mesmo fim. Não se tem conhecimento de que algum combatente de Antônio Vicente Mendes Maciel – o Antônio Conselheiro – tenha cedido à sanha dos vencedores.

Euclides da Cunha, enviado como correspondente do jornal *A Província de São Paulo* (*O Estado de S. Paulo*), adentrou Canudos em 16 de setembro, quando a destruição estava quase que completa. Testemunhou a violência reacionária do exército republicano, no qual se formara.

O novo regime que havia deixado para trás a opressão da escravatura e se livrava do Império lhe aparecia como a chegada do reino da igualdade e da justiça. O ex-militar, que assumiu desde cedo a bandeira do movimento republicano, mal acreditava no que seus olhos viam. As ilusões democráticas e humanistas esmeradamente formadas se mostraram românticas e se desmoronaram.

A República era ocupada pela burguesia oligárquica forjada pelo antigo regime escravista e latifundiário. Não tinha como realizar grandes transformações que rompessem o atraso pré-capitalista que permanecia em regiões inteiras, como as do Norte e Nordeste. Até hoje perdura a estrutura combinada do mais avançado capitalismo com o arcaico pré-capitalismo agrário.

Em fins do século XIX, florescia e se modernizava a metrópole do Rio de Janeiro. O fenômeno social e depois militar de Canudos no sertão baiano compareceu como uma revolta antirrepublicana. Assim interpretavam o governo e os meios de comunicação. Euclides da Cunha acreditou nessa versão. Escreveu para o *Estado de S. Paulo* nessa linha, reforçando uma versão distorcida, que iria resultar no cerco e na destruição de Canudos. Ficou famoso o artigo “A Nova Vendeia”, que reporta à reação monárquica à Revolução burguesa de 1789 na França.

O escritor-jornalista reconheceu o erro assim que chegou a Salvador; fez pesquisas sobre o que se publicara e tomou contato com os acontecimentos. O biógrafo Silvio Rabelo descreve a contradição vivida por Euclides e afirma: “Desde então Euclides fizera um protesto íntimo de vingar o extermínio de Canudos. *Os Sertões* seria o seu ‘livro vingador’”. Essa magnífica obra testemunha o fracasso da República, portanto da burguesia que se formava, em incorporar os sertanejos, em resolver o atraso social de regiões como as do sertão, em admitir os movimentos coletivos e as lutas em defesa da vida e das transformações.

Os Sertões documenta em forma épica a “guerra” de Canudos, desfaz a visão fraudulenta da época de que se tratava de um movimento monarquista, retrata aspectos do desenvolvimento social do sertanejo e denuncia o massacre. Não resta dúvida de que Euclides da Cunha fez um romance histórico *sui generis*, miscigenando vários gêneros. Conseguiu o feito de cientificar a literatura. Eis por que é uma fonte para a historiografia e motivo de polêmicas. *Os Sertões* venceu o tempo, permanecendo atual, resistiu a abundantes críticas, continuando como fonte de estudos.

Em 17 de agosto de 2009, fez 100 anos a morte do grande escritor. Procurou-se oficializar o trabalho de

